

Coleção Caminhos para o desenvolvimento de Organizações da Sociedade Civil

Mobilizar pessoas para o trabalho voluntário



Mobilizar recursos e capacidades em favor da causa

Para compreender a ação de mobilizar recursos é fundamental entender o sentido de recursos, especialmente para o Terceiro Setor. Buscar por recursos significa percorrer incessantemente o mundo em busca de bens financeiros e materiais, dons, aptidões, talentos, relações, meios que podem estar à disposição para o desenvolvimento total de uma organização.

Desta forma, é possível perceber que pessoas - apesar disso soar pouco caloroso -, também são consideradas recursos para o desenvolvimento. A um só tempo doam horas técnicas e formam a base social de apoio de uma Organização da Sociedade Civil - OSC.

Mobilizar pessoas carrega a ideia de convocar, chamar para a participação de uma ação social, que também é política, sugerindo e construindo aprendizados, tanto para quem mobiliza - a organização - como para quem se pretende mobilizar - pessoas -, que já estão investidas do desejo de prática dessa ação, de forma espontânea.

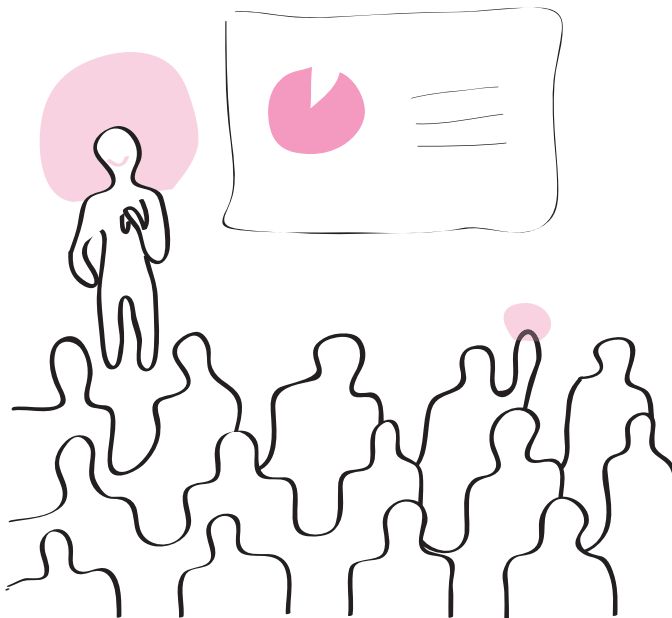
Muitas pessoas sentem vontade, por inúmeras razões, de se envolver numa causa, de fazer parte de uma organização doando parte do seu tempo, do seu trabalho, do seu talento: promover esse encontro ainda é um desafio e um desejo das OSCs.

Vislumbrando esses dois grupos interessados - organizações e pessoas que querem ser voluntárias -, como é possível tornar viável o trabalho voluntário para a causa de cada organização? Como pode se dar vida a um trabalho espontâneo?

O TRABALHO VOLUNTÁRIO ACONTECE POR AFINIDADE. A AFINIDADE PODE SER ENTENDIDA COMO UM VÍNCULO DE PARENTESCO ESCOLHIDO. E PORQUE É ESCOLHIDO, É SELETIVO. A AFINIDADE É SELECIONADA EM MÚLTIPLOS SENTIDOS. PRIMEIRO, AS PESSOAS ESCOLHEM O QUE AS INSPIRAM. EM SEGUIDA, PERCEBEM NAS AÇÕES DA ORGANIZAÇÃO RESSONÂNCIAS DE SUAS PRÓPRIAS VISÕES DE MUNDO PARA, ASSIM, OFERECER VOLUNTARIAMENTE A SUA AFINIDADE. E, ENTÃO, SE COMPROMETEM.

Se, aparentemente, parece tão simples mobilizar pessoas, porque são ouvidos tantos relatos de OSCs contando de experiências difíceis ou mal sucedidas com trabalhadores voluntários? O que impede de “dar certo” a ação volun-

tária nas OSCs? O que, apesar de tantos esforços estarem sendo empreendidos tanto pelas organizações, quanto pelas pessoas e, ainda, pelos diferentes centros de voluntariado espalhados por todo o país, impede que essa ação seja plena de significados?



Segundo estudo realizado pelo World Giving Index sobre doação no mundo, publicado no Brasil pelo Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS) e Charities Aid Foundation (CAF), constatou-se que 20% da população mundial já doou tempo para trabalho voluntário. E a parcela dos 80% que talvez carregue o desejo do voluntariado?

Os centros de voluntariado do país e do mundo têm se empenhado em realizar capacitações para os interessados em atuar como voluntários, buscando desenvolver consciência sobre o significado dessa ação, quer seja no âmbito pessoal ou no âmbito social. Também têm capacitado organizações e seus coordenadores de programas de voluntariado, buscando trazer consciência às organizações quanto à sua responsabilidade frente a essas pessoas e frente às necessidades sociais que atendem. A Organização das Nações Unidas - ONU - trabalhou arduamente para difundir uma

nova visão de responsabilidade cidadã que se consolida por meio da ação voluntária dos sujeitos, tendo inclusive instituído um ano - o de 2001 - como o ano internacional do voluntariado. Muito esforço, conhecimento e recursos de todos os tipos têm sido investidos na busca de se promover a cultura e o valor do trabalho voluntário - e também qualificá-lo. Sem dúvida alguma, muita coisa mudou. Precisamos celebrar!

Já se consegue perceber a mudança de paradigma que a ação voluntária viveu em nosso país, especialmente nos últimos 15 anos, principalmente depois da aprovação da Lei 9.608, em 1998, que é um termo de adesão assinado entre a pessoa que presta serviço voluntário e a OSC, normatizando, assim, essa relação, para que se evite e diminuam os riscos de futuros processos trabalhistas para a organização.

No passado, a ação voluntária era considerada uma ação de benemerência, “fruto da iniciativa de homens ricos e damas caridosas”, vinculada a obras sociais de igrejas e atividades assistenciais que, aos poucos, assumiu características de militância política, principalmente relacionada às causas ambientalistas, hoje entendidas como expressões de cidadania.

Atualmente, empresas investem e incentivam o trabalho voluntário junto à sua equipe de colaboradores e o voluntariado que mais cresce parece ser o de pessoas com qualificação técnico-profissional dispostas a se envolver social e politicamente nas ações da sociedade civil.

A que se deve isso? Será que estamos compreendendo melhor ou encontrando o significado, o sentido do trabalho voluntário para além dos conceitos? Tomara!

A história abaixo, encontrada em forma de depoimento na internet como ilustração da razão de existir de um dos centros de voluntariado de nosso país, pode ajudar a compreender um pouco mais que sentido é esse:

“Era uma vez um homem sério. De terno e gravata, caminhava, trabalhava, falava e até sorria sério. Sério como um adulto deve ser. O céu estava cinza, da mesma cor de sua roupa. E se fosse azul, ele nem perceberia. Entrou naquele prédio. Era um hospital. Sentou-se entre as crianças que lá estavam. Falou com

elas. Não lhe deram atenção. Brincou com elas. Não sorriram. Contou-lhes, com voz pausada, uma história. Ficaram entediadas. Talvez se usasse aquele avental colorido... Não deu certo. Quem sabe se com nariz de palhaço... Nada. Ninguém achou nenhuma graça. Hora de partir. Tropeçou. Caiu com as pernas para o alto. Ridículo.

Escutou então uma sonora gargalhada. E o homem sério daí entendeu que o que lhe faltava era ser comum. Simples. Natural como um tombo. Que não adiantava nada ter uma falsa alegria exterior, se seu coração também não se alegrasse, não sorrisse, não criasse. Ainda no chão, apanhou um livro e começou a contar uma nova história. Acabou contando muitas. Só que desta vez mudou tudo. O príncipe caiu do cavalo. A bruxa teve dor de barriga porque, sem querer, comeu a maçã envenenada. A fada, sambando com os passarinhos, perdeu uma asa. O dragão era corinthiano. Os porquinhos (é claro...) palmeirenses. O lobo mau ficou gago, depois que a vovó deu-lhe uma surra. A madrastra era fanha. Por fim, o Pinóquio e o Gepeto foram libertados da barriga da baleia, por ordem de um juiz corajoso, que não tinha medo de fantasmas, monstros e reis poderosos.

E se não foram felizes para sempre, pelo menos naquele momento foram.”

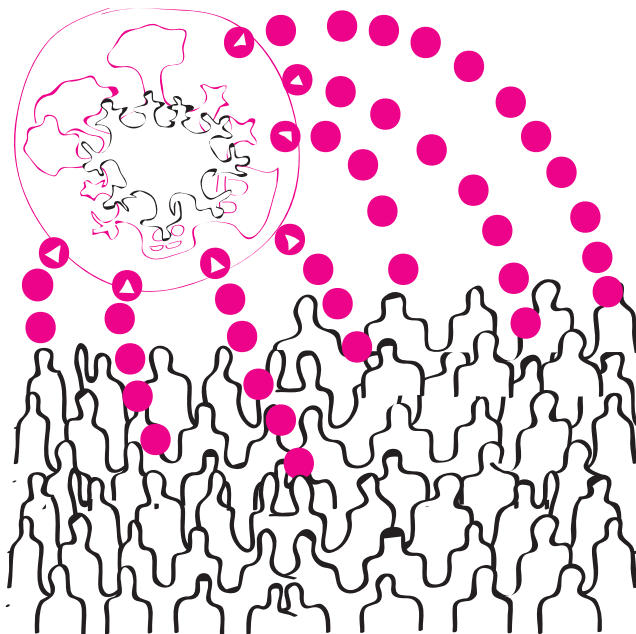
Essa narrativa relata a busca de sentido e de significado que o voluntário quer dar para a sua ação. Independentemente de sua consciente ou inconsciente motivação pessoal - e elas podem ser muitas e bastante diversas - pareceu que essa pessoa descrevia uma busca por algo que lhe tornasse pleno, descortinasse novas possibilidades de completude para além daquelas que lhe possibilitam seu trabalho cotidiano, seus relacionamentos familiares e afetivos, ou tudo aquilo que ele representou em seu “terno e gravata e céu cinza”. Olhar para o outro é um belo exercício de sair para o mundo.

No livro *Acordais*, de Regina Machado, encontra-se talvez uma pista sobre esse “algo mais”. A autora diz:

“Fico pensando em alguém que resolve dedicar algumas horas de sua vida lendo histórias para uma criança

desconhecida, deitada numa cama de hospital. Não é o medo que une essas duas pessoas nesse instante. Ambas transitam, cada uma pela sua própria história, dentro do conto. Não se trata de negar ou fugir da dura realidade, do medo ou da impotência. Experimentam a si mesmas e outras possibilidades de existir, além do medo.”

“Experimentam a si mesmas e outras possibilidades de existir, além do medo”. Parece que ambos - contador de histórias e criança ouvinte - mostram que há muito a se fazer no instante efêmero de um encontro. Vão para um lugar onde há possibilidades, em que experimentam sua integridade, um lugar onde encontram não o que devem, mas o que podem.



Talvez aí resida um caminho para o voluntariado: fazer juntos. E fazer juntos é algo muito diferente de ser motivado ou motivar pessoas. Para fazer juntos parece que é preciso que cada um “transite por sua própria história” e construa uma nova história - o encontro - onde, juntos, tenham possibilidades de existir além do medo, das frustrações e da impotência. Os desejos podem ser diversos, mas

existe a possibilidade de um espaço em que esses desejos conversem, se cruzem num determinado ponto.

Por que algumas OSCs conseguem realizar um bom programa de mobilização de voluntários e outras não? Essa é uma questão para qual não se tem resposta certa ou errada. Segundo alguns centros de voluntariado espalhados pelo Brasil, ao iniciar um programa de voluntariado é importante seguir algumas etapas, tais como:

- Realizar uma análise da relevância, importância e necessidade do trabalho a ser realizado;
- Estabelecer um compromisso interno para a implementação de um programa de voluntariado;
- Fazer a identificação de perfis, atribuições e responsabilidades dos voluntários;
- Promover um bom recrutamento, deixando claro o tipo de experiência ou habilidade desejada.

Na hora de recrutar o voluntário, é importante ser objetivo e dizer claramente a necessidade por este ou aquele tipo de conhecimento, esta ou aquela habilidade. Também é importante deixar o diálogo aberto ao longo do processo e alinhar as diferentes expectativas. Mais uma vez, estamos falando da habilidade de relacionar-se.

O Programa de Mobilização de Recursos - PMR - desenvolvido pela Oxfam GB no Brasil, durante cinco anos, apoiou oito organizações da sociedade civil no seu processo de fortalecimento para a sustentabilidade organizacional. Posteriormente, os aprendizados do programa e das organizações foram sistematizados, gerando a publicação: *Mobilizar para Transformar*. A seguir uma história de sucesso, descrita nesse livro, que pode servir de inspiração para a sua organização.

Estudo de caso para conversar: Assema (Maranhão)

Em 2002, a Assema contava com a colaboração de um grupo informal de cinco voluntários(as), que atuavam de forma pontual, espontânea e irregular. Hoje, a organização conta com uma equipe de 51 pessoas, bem estruturada e

gerenciada, que dedicam parte de seu tempo à Assema, de forma voluntária.

O grupo tem equilíbrio etário, conta com uma maioria de jovens que provém das mais variadas áreas do conhecimento, todos(as) graduados(as) ou pós-graduados(as).

Um fator-chave para o poder de atração da Assema deve-se ao fato de a entidade ter se constituído um ponto de referência obrigatório para quem queria entender a importância do babaçu² na sociedade maranhense. Logo, ela exerce forte apelo em relação aos(as) estudantes de agronomia e de ciências sociais, por exemplo.

A instituição optou por aproveitar o potencial dos(as) estudantes, professores(as) e pesquisadores(as) que circulavam pela sede da Embaixada do Babaçu Livre, em São Luís, e eventualmente realizavam algum trabalho para a entidade.

Para tanto, o grupo de voluntários(as) foi dividido em subgrupos temáticos, de acordo com as áreas de interesse - turismo, agronomia, saúde, ciências sociais, educação e administração. Cada um desses grupos organiza suas próprias reuniões, encontrando-se coletivamente uma vez por mês. Foi criada uma comissão, que, além de assegurar o cronograma das reuniões e os compromissos assumidos, coordena toda a comunicação com os(as) voluntários(as).

Quando uma pessoa interessada procura a Assema, ela recebe informações sobre a instituição e seu trabalho, voltando para casa com várias publicações para ler. Assim, quando essa pessoa vem à primeira reunião, ela já conhece um pouco da entidade e tem melhores condições de compreender sua visão, sua identidade e seu projeto. Segundo a Assema, não há “ex-voluntários(as)” por lá.

Hoje, todas as pessoas envolvidas já participaram de uma oficina sobre mobilização de recursos, têm alguma experiência com a campanha “Amigos da Assema” e estiveram em visitas de campo às comunidades rurais. A cada reunião se fazem presentes cerca de 30 pessoas. Em 2006, como forma de fortalecer a contribuição dessas pessoas para a instituição, foi elaborado um planejamento para 2007 que definiu temas para estudo em cada subgrupo, dos quais devem resultar ideias e ações práticas com impactos positivos para a instituição.

Os voluntários(as) da Assema mantêm duas comunidades virtuais num site de relacionamentos - Voluntários da Assema e Amigos da Assema - que ajudam a divulgar a instituição e contribuem para a comunicação entre os(as) voluntários(as).

Um aprendizado desafiador é que esse tipo de ação só vale a pena se for bem organizado, isto é, se o gerenciamento do trabalho voluntário for estruturado como uma área de trabalho profissional da organização. Um dos elementos importantes é a clareza do “contrato” - desde a assinatura do termo de adesão, como preconiza a legislação, até o estabelecimento de relações transparentes e de corresponsabilidade entre a instituição e os(as) voluntários(as).

O que é necessário para ser voluntário(a)?

Numa das primeiras reuniões de voluntários(as) da Assema alguém fez essa pergunta. E a resposta foi: só é preciso ser apaixonado(a) e abraçar a causa da organização. Daí surgiu o *slogan* utilizado ainda hoje: “Para ser voluntário(a) tem que se apaixonar primeiro!”.

Há diferentes definições para trabalho voluntário, ou para o voluntário propriamente dito, elaboradas por diversas organizações. A sua organização pode ter ou desenvolver uma, própria, que lhe faça mais sentido. Abaixo são apresentadas três definições que podem ser inspiradoras ou norteadoras:

DEFINIÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS:

“O voluntário é o jovem ou o adulto que, devido ao seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte de seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem-estar social ou outros campos...”

DEFINIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE ESFORÇOS VOLUNTÁRIOS (INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR VOLUNTEER EFFORTS - IAVE):

“Trata-se de um serviço comprometido com a sociedade e

alicerçado na liberdade de escolha. O voluntariado promove um mundo melhor e torna-se um valor para todas as sociedades”.

DEFINIÇÃO DO PROGRAMA VOLUNTÁRIOS, DO CONSELHO DA COMUNIDADE SOLIDÁRIA:

“O voluntário é o cidadão que, motivado pelos valores de participação e solidariedade, doa seu tempo, trabalho e talento, de maneira espontânea e não remunerada, para causas de interesse social e comunitário”.

Uma boa forma de começar é aprender com quem já faz, trocar experiências com organizações que tem casos de sucesso e histórias para contar como o GAPA - BA, A Associação Viva e Deixe Viver - SP, A Associação Vila do Papelão - PE, CEDECA Emaús - PA e Lar do Neném - PE. Olhar para suas próprias experiências, perceber o que deu certo ou não e colher esses aprendizados também pode ser válido. A você leitor, desejamos coragem e sorte!

Coleção Caminhos para o desenvolvimento de Organizações da Sociedade Civil

Esta Coleção é composta por 50 folhetos com variados temas de apoio à gestão de Organizações da Sociedade Civil. Foi preparada pela equipe do Instituto Fonte e lançada em agosto de 2012. Está disponível de forma gratuita no site: www.institutofonte.org.br.

Esta publicação é parte dos materiais e atividades desenvolvidos no projeto “Empoderando pessoas e criando capacidades nas organizações da sociedade civil” que tem o objetivo de potencializar os resultados e impactos positivos gerados pelos projetos desenvolvidos por essas organizações, qualificando seus gestores em temas que envolvem desde a elaboração de projetos à prestação de contas, visando contribuir para gerar resultados que assegurem os direitos de crianças, adolescentes e jovens brasileiros, público-alvo dessas organizações, sobretudo aqueles em situação de vulnerabilidade.

O(s) autor(es) é(são) responsável(is) pela escolha e apresentação dos fatos contidos neste livro, bem como pelas opiniões nele expressas, que não são necessariamente as da UNESCO, nem comprometem a Organização. As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste livro não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco a delimitação de suas fronteiras ou limites.

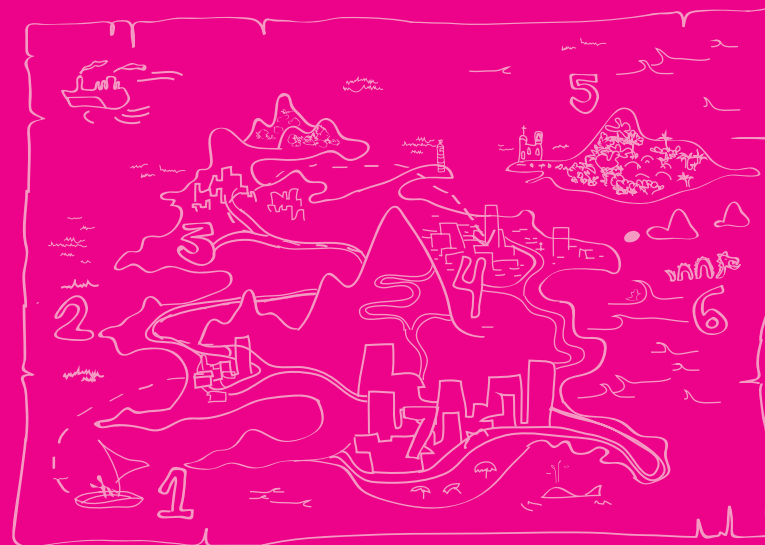
Esclarecimento: a UNESCO mantém, no cerne de suas prioridades, a promoção da igualdade de gênero, em todas suas atividades e ações. Devido à especificidade da língua portuguesa, adotam-se, nesta publicação, os termos no gênero masculino, para facilitar a leitura, considerando as inúmeras menções ao longo do texto. Assim, embora alguns termos sejam grafados no masculino, eles referem-se igualmente ao gênero feminino.

Coordenação geral: Flora Lovato | **Coordenação técnica:** Antonio Luiz de Paula e Silva

Equipe responsável: Alexandre Randi, Ana Bianca Biglione, Antonio Luiz de Paula e Silva, Arnaldo Motta, Flora Lovato, Gladys Cristina Di Cianni, Helena Rondon, Joana Lee Ribeiro Mortari, Lafayette Parreira Duarte, Luciana Petean, Madelene Barboza, Mariangela de Paiva Oliveira, Marina Magalhães Carneiro de Oliveira, Martina Rillo Otero e Sebastião Luiz de Souza Guerra.

Revisão ortográfica: Gladys Cristina Di Cianni | **Ilustrações:** Lia Nasser | **Design:** Disco Design

www.institutofonte.org.br



CRIANÇA ESPERANÇA

Um projeto

Em parceria com a



Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

PROGRAMA
PETROBRAS
DESENVOLVIMENTO
& CIDADANIA

BR **PETROBRAS**

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA